

## Ser e estar no Instagram: lugar de adaptações e auto-organização das práticas discursivas

### Being and being on Instagram: place of adaptations and self-organization of discursive practices

### Ser y estar en Instagram: lugar de adaptaciones y autoorganización de prácticas discursivas

Patrícia Aparecida da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Olimpia Maluf Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Valdir Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

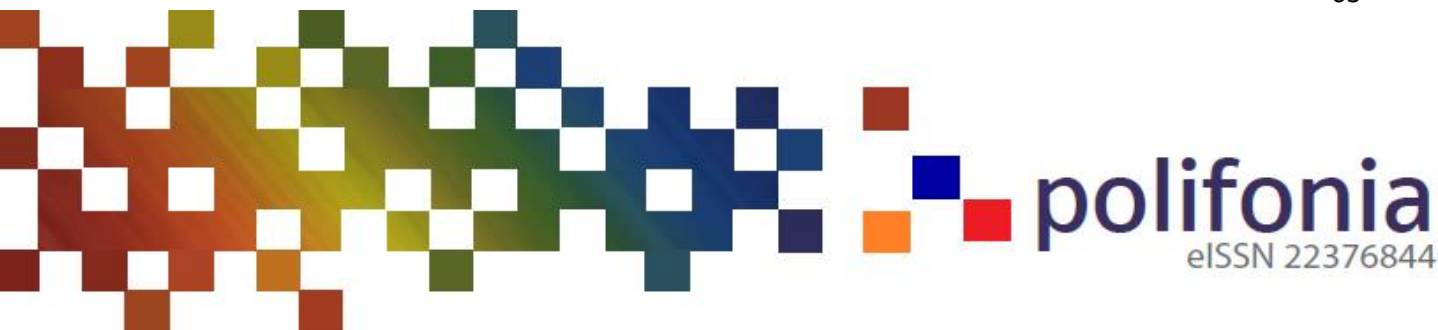
#### Resumo

Este artigo se propôs a discutir os efeitos da era digital pelo viés da teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) e suas interlocuções com a teoria da Análise de Discurso (AD), bem como os modos de constituição do sujeito no *Instagram*. Para tanto, problematizou as mudanças e a aceitação social aos novos padrões vislumbrados pela cultura tecnológica e suas inúmeras formas de influenciar a vida, a rotina e o padrão social do sujeito. Por assim dizer, o trabalho focou no jogo entre o *online* e particularmente o *offline*, uma vez que tal jogo se mostra nos efeitos produzidos na rede social do *Instagram*, que, por se tratar de um sistema dinâmico complexo, pode, em qualquer evento nele produzido, desencadear ou não um tipo de reação em cada sujeito conectado, e também em entrevistas de alunos do ensino médio, que redigiram textos sobre este assunto. Desse modo, utilizou-se o SAC em confluência com a Análise de Discurso, o que permitiu compreender a emergência do digital e a constituição do sujeito nessa rede social. Percebemos que esse aplicativo se configura, então, como um sistema fechado que condiciona, molda e impõe uma adaptação do sujeito à regra determinante.

**Palavras-chave:** Sujeito; Caos; Sistema.

#### Abstract

This article proposes to discuss the effects of the digital age through the theory of Complex Adaptive Systems (CAS) and its interlocutions with the theory of Discourse Analysis (AD), as well as the modes of constitution of the subject on Instagram. To do so, it problematized the changes and social acceptance of the new patterns envisioned by the technological culture and its countless ways of influencing the subject's life, routine and social pattern. So to speak, the work focused on the game between the online and particularly the offline, since such a game is shown in the effects produced in the Instagram social network,



which, because it is a complex dynamic system, can, in any event in it, produced, whether or not to trigger a type of reaction in each connected subject, and also in interviews with high school students who wrote texts on this subject. Thus, the CAS was used in conjunction with the Discourse Analysis, which allowed us to understand the emergence of the digital and the constitution of the subject in this social network. We realize that this application is configured, then, as a closed system that conditions, shapes and imposes an adaptation of the subject to the determining rule.

**Keywords:** Subject; Chaos; System.

### Resumen

Este artículo se propone discutir los efectos de la era digital a través de la teoría de los Sistemas Complejos Adaptativos (CAS) y sus interlocuciones con la teoría del Análisis del Discurso (AD), así como los modos de constitución del sujeto en Instagram. Para ello, problematizó los cambios y la aceptación social de los nuevos patrones vislumbrados por la cultura tecnológica y sus innumerables formas de influir en la vida, la rutina y el patrón social del sujeto. Por así decirlo, el trabajo se centró en el juego entre lo online y particularmente lo offline, ya que tal juego se muestra en los efectos producidos en la red social Instagram, la cual, por ser un sistema dinámico complejo, puede en todo caso en ella, produjo, si desencadenar o no un tipo de reacción en cada tema relacionado, y también en entrevistas con estudiantes de secundaria que escribieron textos sobre este tema. Así, el CAS fue utilizado en conjunto con el Análisis del Discurso, lo que permitió comprender el surgimiento de lo digital y la constitución del sujeto en esta red social. Nos damos cuenta de que esta aplicación se configura, entonces, como un sistema cerrado que condiciona, configura e impone una adaptación del sujeto a la regla determinante.

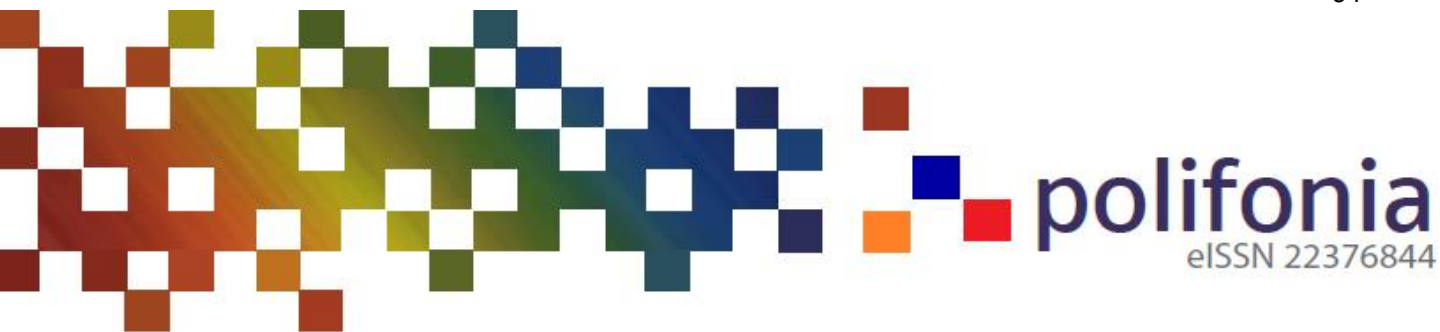
**Palavras chave:** Sujeito; Caos; Sistema.

## 1. Introdução

Nesse artigo<sup>1</sup> serão problematizados os modos de constituição do sujeito no *Instagram*, tomando como referencial a Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) em articulação/interlocução com os fundamentos teóricos da Análise de Discurso (AD). Dessa maneira, o presente trabalho foca no jogo entre o *online*<sup>2</sup> e particularmente

<sup>1</sup> O presente artigo cumpre uma exigência do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), assim, denominado de *trabalho fora de área*. O aporte teórico eleito foi o da teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos (Linguística Aplicada), sob orientação do Prof. Dr. Valdir Silva (CNPq). Trata-se, pois, de um Exame de Qualificação em área teórica diferente daquela do Projeto de Tese matriculado, que se filia à Análise de Discurso, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olimpia Maluf Souza.

<sup>2</sup> Adotamos particularmente os termos “online” e “offline” para substituímos– “real” e “virtual” – para referir-se em especial as práticas sociais da língua, e dar visibilidade ao lugar da emergência social e o processo de adaptação dos sujeitos.



o *offline*<sup>3</sup>, uma vez que tal jogo se mostra nos efeitos produzidos na rede social do *Instagram* ou *Insta*<sup>4</sup>, aqui tomado para estudo, que, por se tratar de um sistema dinâmico complexo, pode, em qualquer evento nele produzido, desencadear ou não um tipo de reação em cada sujeito conectado e usaremos textos, produzidos por alunos do ensino médio de uma escola privada, para reforçar essa discussão teórica.

Conforme aponta Larsen-Freeman (2017), o crescente interesse pela Teoria da Complexidade (CT), ou Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC), como é conhecida atualmente nos círculos da Linguística Aplicada, é decorrente do estado de constituição do mundo moderno, ou seja, seu dinamismo, interconectividade, mobilidade populacional, mudança climática, padrão de consequências não intencionais, compressão do espaço-tempo e inovação tecnológica.

Para a autora, essas qualidades impõem que os sistemas não reducionistas, ecológicos e dinâmicos tornem a TSDC uma proposição bastante pertinente para descrever, analisar e – tentar – compreender as dinâmicas complexas da sociedade contemporânea. Trata-se de uma teoria que, nas palavras de Larsen-Freeman (*Op. cit.*), nos desafia a pensar de maneira diferente as mudanças transformacionais das coisas do mundo, sejam elas naturais ou sociais.

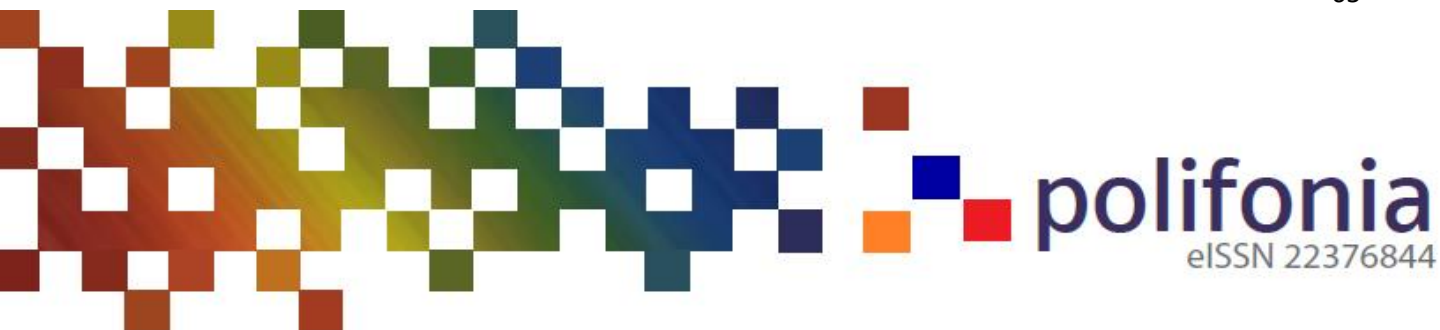
Essas mudanças não são decorrentes de fenômenos isolados e fechados, mas, do fato de serem sistemas abertos e dinâmicos e com potencial para a geração de transformações qualitativas, como nos diz Byrne (2005). São essas características que, segundo Human (2015), criam as condições para que os sistemas dinâmicos estejam sempre sujeitos às mudanças e adaptações ao longo do tempo.

O pensamento complexo, aqui representado pela TSDC, é um paradigma de práticas de ciência que emerge da interconexão de uma multiplicidade de campos do saber

---

<sup>3</sup> Adotamos particularmente os termos “online” e “offline” para substituímos– “real” e “virtual” – para referir-se em especial as práticas sociais da língua, e dar visibilidade ao lugar da emergência social e o processo de adaptação dos sujeitos.

<sup>4</sup> O *Instagram* é uma rede social, com mais de um bilhão de usuários no mundo, que tem foco no compartilhamento de fotos e posts, possibilitando também a produção de textos escritos e vídeos, além de disponibilizar, no seu próprio sistema ou em aplicativos externos a ele, os denominados filtros.



que considera o mundo como um sistema interconectado. Nas palavras de Morin (1990, p. 17), um tecido de “[...] acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações e acasos que constituem o nosso mundo fenomenal”.

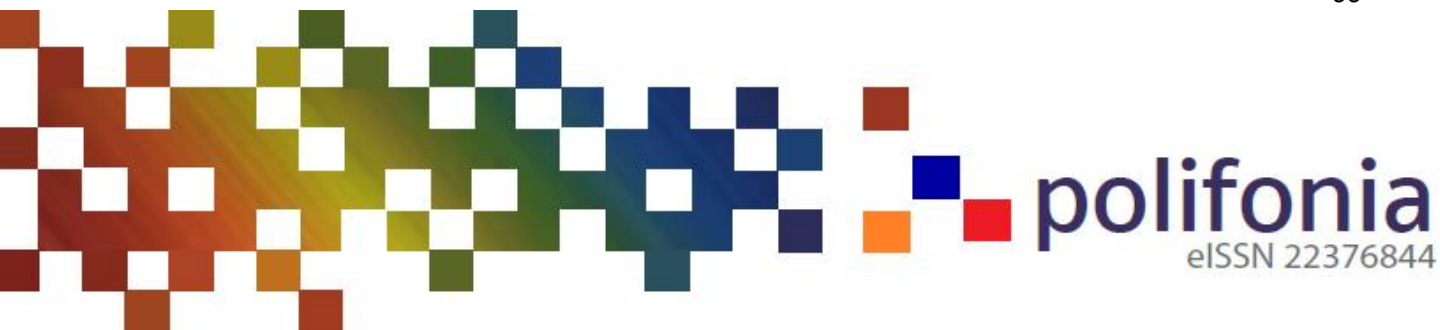
Paiva (2006, p. 15) observa que:

[...] um sistema complexo não é um estado, mas um processo. Cada componente do sistema pertence a um ambiente construído pela interação entre suas partes. Nada é fixo, ao contrário, existe um constante movimento de ação e reação e mudanças que acontecem com o passar do tempo.

Esse funcionamento, segundo a autora, se dá pelo fato de os agentes do sistema agirem e se modificarem na medida em que recebem *feedbacks*. Assim, há um constante movimento de jogo duplo, no qual a ocorrência de mudanças manifesta-se constantemente, não apenas ao longo do tempo, mas também de forma instantânea. Trata-se de uma dinâmica que cria as condições para a emergência de adaptações em diferentes níveis e escalas, visto que esse movimento é crucial para a manutenção da dinâmica do sistema, pois, de acordo com Baranger (2000), de outra forma, ele está fadado à morte.

Por assim dizer a instabilidade permanente, ou seja, a não fixidez do sistema, pois, no nosso caso, assumimos a rede social digital como um Sistema Dinâmico Complexo (SDC) de práticas discursivas o que torna possível verificar as dinâmicas de (des)construção e o devir do sujeito conectado/logado, a partir do que ele produz em seus processos de interação.

Essa perspectiva dinâmica das redes sociais digitais permite-nos, pois, estudar uma série de fenômenos sociotécnicos e de práticas discursivas, como são os casos dos botões de reação, disponibilizados pelas redes sociais, para que os sujeitos expressem, eletronicamente, suas reações: curtir, amar, odiar, rir, chorar etc., e, ao mesmo tempo, demonstrar surpresa, tristeza ou irritação com suas próprias postagens e com as dos outros. Assim sendo, essas possibilidades instalam-se como novas maneiras de detectar e de dizer acerca das expressões e sentimentos, uma vez que toda uma geração conectada, em especial por meio de seus celulares, possibilita a constituição de sujeitos e sentidos que se marcam na/pela língua(gem), em sua fluidez e em seus fluxos diversificados.



Trata-se, pois, de outras formas de práticas de escrita, leitura e produção de sentido, que vão além das postagens escritas, vídeos e áudios que as redes sociais possibilitam aos indivíduos nelas inscritos.

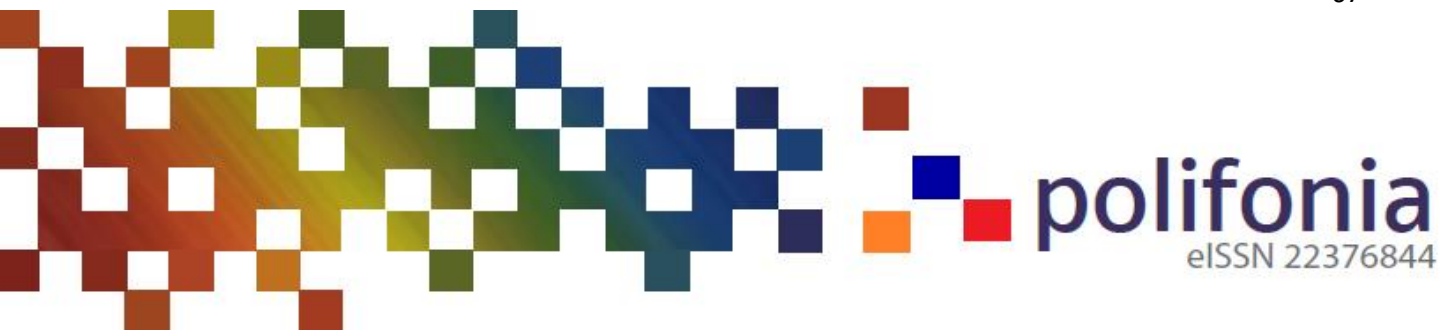
Pelo entendimento das conjunturas sistêmicas e comportamentais, Santaella, (2003, p. 13) afirma que a compreensão de tais modificações se dá na formação do processo cultural, em específico o da era digital que tratará o nosso trabalho:

[...] tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora, efetivamente, não passem de meros canais para a transmissão de informação, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagem que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.

Essas formações culturais são ora de celebração, de lamentação, embora as mudanças sejam de cunho comunicativo e de aceitação social, principalmente quando se remete aos novos padrões da cultura tecnológica, que se marca por um imediatismo que se materializa, por exemplo, pelo anseio por curtidas, quando o sujeito posta – no *Facebook* ou *Instagram*, em particular – uma selfie em que se buscou o melhor ângulo, pois, o que o sujeito espera é “causar” com o *post*, seja no contexto *online* ou *offline*.

Para Soares, (2020, p. 14), essa compreensão são manifestações subjetivas da era digital, pois:

O próprio espaço das redes sociais dá margem para a manifestação da subjetividade no digital, seu funcionamento é diferente de outros aplicativos, como os de bancos, por exemplo. Percebe-se que o foco principal do Facebook, além dos anúncios comerciais, são as informações demandadas sobre o usuário. Exemplo: “No que você está pensando?”.



Dessa maneira, o presente trabalho foca no jogo entre o *online* e particularmente o *offline*<sup>5</sup> e uma vez que tal jogo se mostra nos efeitos produzidos na rede social do *Instagram* ou *Insta*<sup>6</sup>, aqui tomado para estudo, que, por se tratar de um sistema dinâmico complexo pode, em qualquer evento nele produzido, desencadear ou não um tipo de reação/efeito em cada sujeito conectado.

Por assim dizer, para Becker (2009) a língua(gem) é considerada um Sistema Adaptativo Complexo:

O sistema consiste de múltiplos agentes (os falantes da comunidade de fala) interagindo uns com os outros. O sistema é adaptativo, isto é, o comportamento dos falantes é baseado em suas interações passadas e as interações presentes e passadas, em conjunto, alimentam o comportamento futuro (BECKER, 2009, p. 1- 2)

Em termos atuais, uma postagem pode “*flop*ar”<sup>7</sup>, fugindo ao que é esperado pelo sujeito. Nessa direção, podemos dizer que praticamente é a única constância que realmente importa nas redes sociais digitais é o desejo do sujeito de produzir curtidas nos posts que recebe, comenta e compartilha, uma vez que a influência das redes sociais, na vida atual de cada sujeito, marca e delimita cada passo dado na direção de ser aceito socialmente.

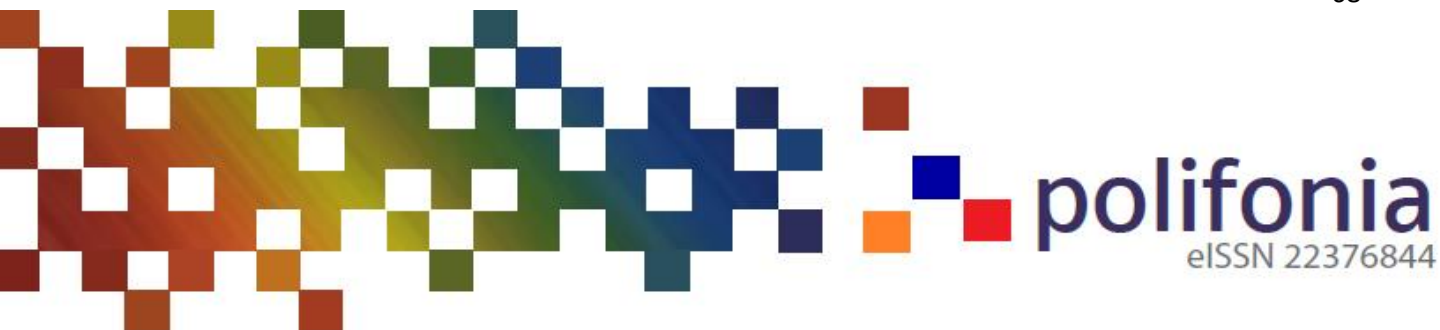
Nas palavras de Elliott (1999), esse funcionamento diz respeito à *autenticidade*, que o autor observou a partir de afirmações coletadas em estudos sobre o comportamento de americanos:

---

<sup>5</sup> Adotamos particularmente os termos “online” e “offline” para substituímos– “real” e “virtual” – para referir-se em especial as práticas sociais da língua, e dar visibilidade ao lugar da emergência social e a dinâmica de adaptação dos sujeitos.

<sup>6</sup> O *Instagram* é uma rede social, com mais de um bilhão de usuários no mundo, que tem foco no compartilhamento de fotos e posts, possibilitando também a produção de textos escritos e vídeos, além de disponibilizar, no seu próprio sistema ou em aplicativos externos a ele, os denominados filtros.

<sup>7</sup> Flopar é a forma aportuguesada do verbo *to flop*, que significa, fracasso, queda, derrota, assim, nas redes sociais, carrega o sentido de “não ter sucesso” em visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos.



[...] Nós americanos falamos de autodescoberta, de nos encontrarmos, de sermos verdadeiros com quem realmente somos. É uma espécie de má-fé fingir ser algo que você não é. [...] muito da vida americana gira em torno desse tipo de luta, entre tentar se reconciliar com quem você é, de um lado, e tentar mudá-lo, do outro (Tradução nossa) (ELLIOTT, 1999, p. 33).

Contudo, os filtros, disponibilizados no próprio Instagram ou em outros aplicativos de edição, são uma maneira fácil e rápida de aprimorar as fotos antes da postagem, pois, cada filtro é uma combinação de efeitos que produz, para o sujeito, a aparência que deseja obter. Assim, nos termos do autor, tais mecanismos se configuram, cada qual a seu modo, em um gesto de inautenticidade do sujeito.

Nesse tipo de mídia, as postagens produzem uma classificação entre o que é e o que não é aceito, por exemplo, ao postar algo o sujeito se condiciona – receber ou não curtidas - marcando o sujeito virtual através desse lugar tecnológico, pois as likes dizem ao sujeito “o que”, das postagens dele, teve efeito de sucesso – a curtida – para os outros com quem se relaciona na rede.

Vejamos, etimologicamente, o que significa a expressão *dar like*:

**dar like** = nas redes sociais significa curtir a foto, o vídeo ou o post publicado tanto no Facebook, como Instagram e YouTube. Então dar like é igual curtir.  
 -Ex1: Marquinhos, vai logo dar like nas gírias do Qual é a Gíria!  
 -Ex 2: Eu já dei um monte de likes nas fotos dela do Face. Vamos ver se ela me nota agora...  
**#deulike #curtir #darlike #facebook #instagram #curtiu<sup>8</sup>**

A palavra inglesa *like* é traduzida, no contexto das redes sociais como “curtir”, ou seja, marca-se em um viés discursivo pelo que se coloca como um lugar (in)visível de aceitação, produzindo o efeito de ilusão ao sujeito, a ilusão de ser aceito na rede, pois ali os espaços não são fechados e modificam-se conceitualmente fazendo adaptar/emergir as condições iniciais do sistema.

Nessa configuração, “curtir”<sup>9</sup> torna-se uma espécie de moeda de troca virtual, para AD, este lugar é marcado como um lugar de aprisionamento do sujeito à ilusão da

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.qualeagiria.com.br/giria/dar-like/>. Acesso em 21 jan. 2020.

<sup>9</sup> Neste trabalho optamos pelo termo *curtidas* para referenciar o termo *likes*.



perfeição e das postagens desejadas e sem falhas. Em outros termos, o número de curtidas torna-se uma escala que aponta a dimensão da aceitação (aprovação) do sujeito que se representa nas materialidades de seus posts.

Esse funcionamento de aceitação/não aceitação por meio de curtidas, na interface da sociedade contemporânea instituída no digital, foi, em certa medida, bem representado no primeiro episódio da terceira temporada da série distópica de ficção-científica *Black Mirror* (NETIFLIX), criada por Charlie Brooker.

Neste episódio, chamado *Free Fall* (Queda Livre), a protagonista Lacie vive em uma sociedade em que todas as pessoas são mediadas por uma rede social chamada *Star*, que pontua as pessoas com base no que elas postam, em uma escala de 0 a 5. Ou seja, quanto mais curtidas recebe, mais pontuada ela se torna.

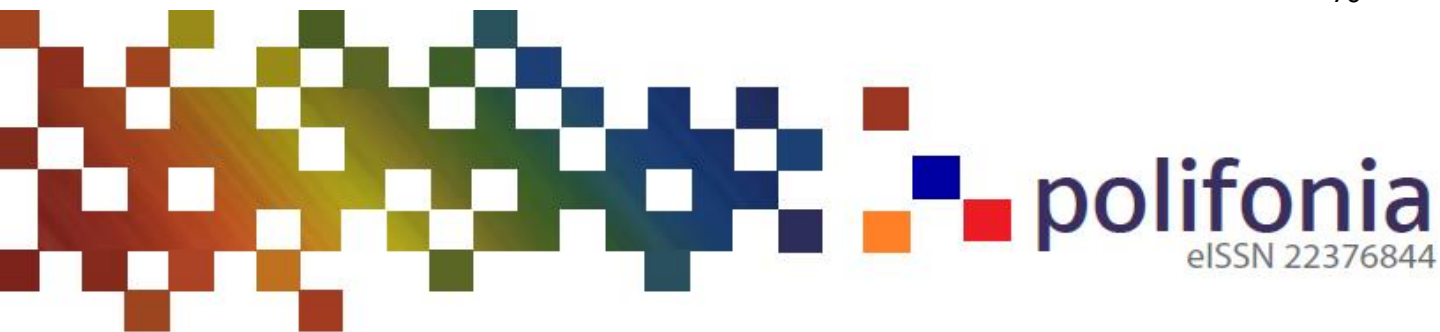
O desejo de Lacie é ser uma pessoa com nota 4,5, que a classificaria com um alto grau social. Para tanto, ela constrói, por imposição do sistema *Star*<sup>10</sup>, uma *fake life* (vida falsa) materializada em posts de coisas que ela não gosta, tais como roupas, comidas e atitudes, como o de interagir de forma extremamente agradável com pessoas que ela não gosta e com desconhecidos, assim, o que ela faz em tempos livres é estar sempre sorrindo, demonstrando felicidade, dizendo frases positivas etc.

O aplicativo *Star* se configura, então, como um sistema fechado que condiciona, molda e impõe uma adaptação do sujeito à regra determinante. Dessa forma, Lucie tem seu auge de pontuação em 4,2, quando ganha como prêmio o convite para ser madrinha de casamento de sua amiga de infância, porém, no período que antecedeu a festa, uma série de eventos negativos fez com que ela perdesse pontos em “queda livre”, até chegar a zero, quando é expulsa do aplicativo, logo, da parte da sociedade que ela tanto quis integrar com sua pontuação.

---

<sup>10</sup> No contexto do *Star*, a perfeição é alcançada com as notas entre 4,5 e 5,0, um escore que assegura premiação ao usuário, como bons empregos, aquisição de bens, entrada exclusiva em determinados ambientes, etc. A escala de aceitação do sistema é, contudo, absurdamente restrita, ou seja, não comporta o menor deslize, pois uma nota abaixo de 4,0, por exemplo, torna a pessoa socialmente rejeitada pelas regras e convenções do *Star*.





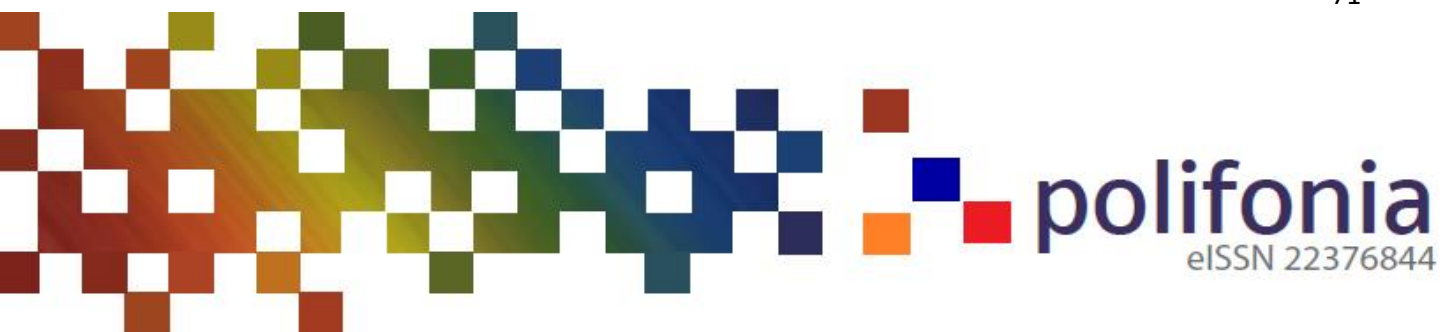
Por não ter mais nada a perder e por se sentir livre para ser ela própria, começa, então, a dizer uma série de palavras, expressões proibidas e acusações contra a amiga, perturbando a ordem do casamento, o que gera, como consequência, sua expulsão da rede social Star, sua prisão e a apreensão do seu celular, pelo Estado.

Uma vez na prisão, Lucie começa a trocar os insultos mais vilipendiosos com um negro que se encontra preso em uma cela a sua frente. É nesse gesto que ela se percebe livre, pois agora pode ser autêntica em seus mais variados sentimentos e posições, sem as formas de controle social exercidas pela rede social Star, tornando-se humana, com todos os seus defeitos e virtudes.

Nessa compreensão, a rede social Star pode ser tomada como uma alegoria que, em certa medida, aponta a dinâmica complexa do funcionamento do Insta, visto que tal tipificação do episódio se sustenta no fato de ele representar, em sua totalidade e por sua narrativa, os pensamentos, as ideias e as posições figuradas no mundo das redes sociais digitais, especialmente a do Instagram.

Uma dessas metáforas pode ser verificada no nome do *Star*, que, por analogia, e em termos fonológicos, remete a Insta pois, o aplicativo *Star* e, por extensão, o Insta, por meio das *curtidas*, cria a ilusão de produzir notoriedade, estrelato e aceitação, uma vez que, nesse espaço, o sujeito pode se constituir, para os outros e para ele próprio, como um simulacro da autenticidade/perfeição, pois, com o aumento das curtidas que recebe, acredita-se visto, amado e aceito. Assim, quanto mais o sujeito é engodado nessa ilusão, mais ele se inscreve nessa ilusão e, conseqüentemente, se apaga do mundo da realidade. Ou seja, há uma dinâmica de desadaptação do mundo offline e a adaptação ao online, o espaço onde o sujeito se institui e onde sua vida faz sentido.

Para Foucault (2002), essa necessidade de ver e de ser visto é metaforizada pelo *Panóptico*, enquanto um lugar que aprisiona, mas que, ao mesmo tempo, dá ao sujeito a ilusão materializada pelo privilégio da luz e da visibilidade:



O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. [...] uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas (FOUCAULT, 2002, p. 166-167)

Nessa mesma direção, podemos ainda citar o mundo distópico de Jorge Orwell (1984), em que tudo é governado pelo *Big Brother*, um sistema de vigilância constante que tudo vê e ouve, controlando, inclusive, os pensamentos dos sujeitos. Ou seja, como no *Star*, qualquer desvio de conduta é considerado crime, tal como no Instagram onde, salvo as devidas proporções, qualquer deslize, qualquer comentário equivocado, por exemplo, faz com que seus seguidores pressionem o botão *unfollow* (deixar de seguir), ou ainda, nos valendo de um termo mais atualizado, ser cancelado<sup>11</sup>.

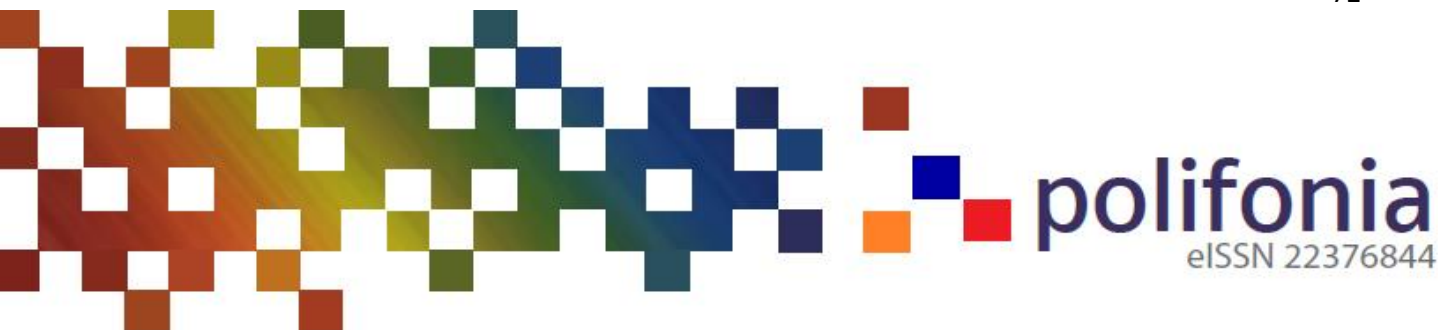
No contexto digital das redes sociais, o sujeito se constitui na ilusão de ver e de ser visto, mas se enreda e se aprisiona no simulacro da aceitação e do pertencimento, que se representa pelo número de curtidas e compartilhamento de suas postagens. Assim, estar na rede é ser sujeito no mundo digital, pois as marcas dadas nesse espaço, especialmente o *Instagram*, cria a ilusão de aceitação e de compartilhamento, visto que, postar “o que estou fazendo agora” dá a conhecer “quem sou eu”, pois o modo de existir no digital cria a ilusão de estar visível/ser aceito pelo outro (DIAS & COUTO, 2011).

Esse entendimento nos remete a Debord (1997, p.11) quando diz que esses funcionamentos se configuram em espetáculos que se caracterizam apenas como “[...] um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

O fenômeno das curtidas e seus efeitos na vida do sujeito, fez com que, em 2019, o Facebook, empresa que controla o Instagram, tornasse invisível, para os seguidores de

---

<sup>11</sup> O ato de cancelar pode ser tomado como um gesto de boicotar, nas redes sociais, pessoas que tenham feito ou falado algo considerado moralmente errado ou politicamente incorreto, seja no ambiente virtual ou real. Trata-se, pois, de um julgamento pré-estabelecido e de senso comum dos usuários das redes sociais digitais.



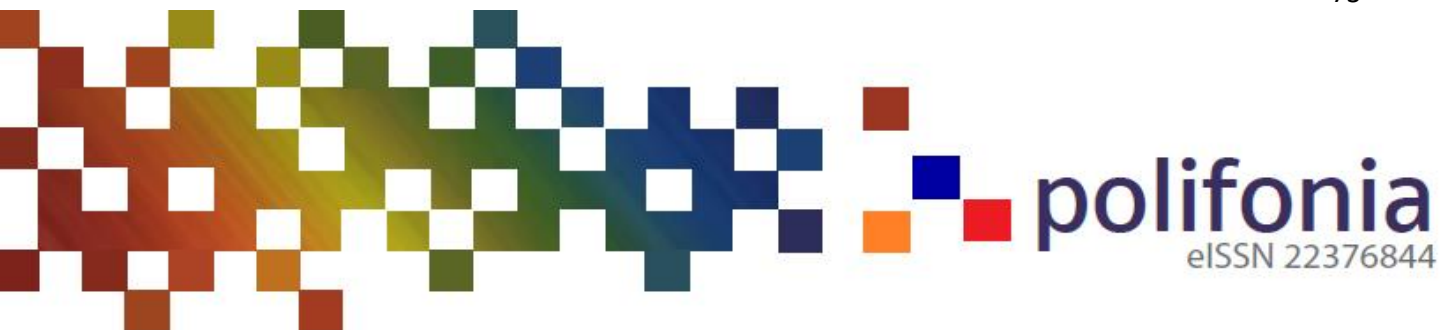
um dado perfil, o número de “curtidas” recebidas em uma dada postagem. Essa mudança, como anunciado pela empresa, fez parte de uma série de medidas que o Instagram veio tomando com o propósito de combater práticas nocivas na rede, tais como o discurso de ódio ou de *bullying* digital. Essas proposições de mudanças decorrem das críticas que a plataforma vinha recebendo sobre sua arquitetura e lógica de funcionamento, que favoreciam a emergência de um ambiente prejudicial ao bem-estar de seus integrantes.

Um estudo realizado em 2017<sup>12</sup>, pela Sociedade Real para a Saúde Pública, da Grã-Bretanha, apontou o Instagram como a pior rede social para o bem-estar e a saúde mental de adolescentes. De acordo com o estudo, o Instagram tem impactos importantes em adolescentes, provocando ansiedade, depressão e solidão, além de outros efeitos produzidos na autoimagem dos jovens, a partir de seus posts. Ou seja, cada adolescente dessa rede pode, dependendo do caso, ter a autoimagem negativada como a personagem Lucie do Queda Livre, de Black Mirror, pois é essa a crítica social que os impactos das redes sociais digitais, em especial o Instagram, promove e se coloca em funcionamento no referido episódio da série. Essas mudanças realizadas no Instagram apontam, à luz da teoria nos Sistemas Dinâmicos Complexos, a natureza *auto-organizacional e adaptativa* do sistema eletrônico da referida rede social. Em suas teorizações sobre o comportamento dos sistemas complexos, conforme apontam Silva e Silva (2015, p. 294), esses sistemas são capazes de se autoconfigurarem para se adaptarem às características correntes, do processo ou do ambiente em que estão inseridos, ou seja, sistemas que atingem a solução através de sucessivos ajustes e interações.

Para Gomes (2015, p. 187), com base em seus estudos sobre rede evolutiva marcada pela heterogeneidade entre agentes e interação local, como é o caso do Instagram, “[...] os agentes, sejam os técnicos responsáveis pelo design dessa rede ou os sujeitos nelas inscritos, aprendem, adaptam-se e evoluem ao longo do tempo, à medida que vão estabelecendo relações uns com os outros, e não há qualquer tendência para que o sistema permaneça numa posição de equilíbrio”, uma vez que os agentes podem sempre

---

<sup>12</sup> Acessado em: 15/01/2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40092022>



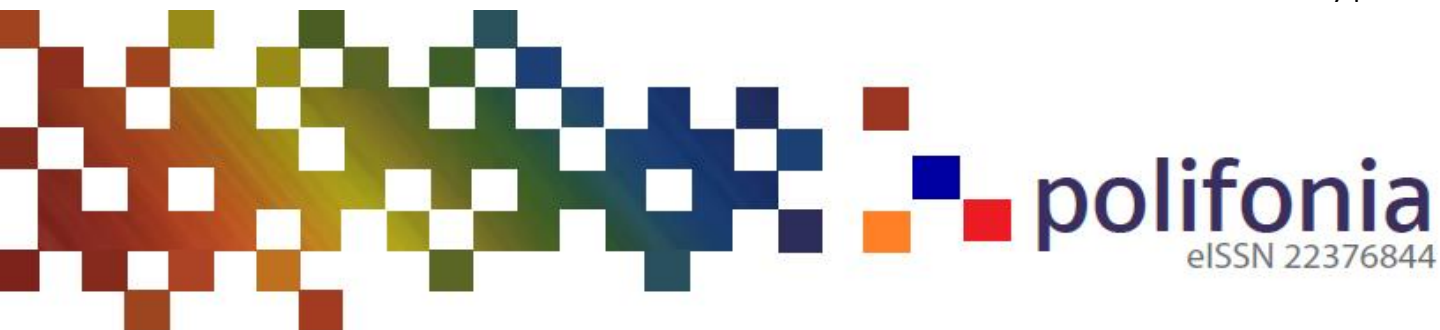
voltar a uma posição de sentimento anterior, dependendo de “com quem” vão interagir em seguida. Este resultado de ausência de equilíbrio demonstra como a complexidade pode emergir a partir de um pequeno conjunto de regras de interação.

Logo, esses sistemas mudam com o tempo e não há como determinar, exatamente, como tais mudanças se dão. Essas mudanças são influenciadas não apenas pelas condições iniciais em que eles surgem, mas também porque os sistemas complexos se adaptam, à medida que recebem feedback, no nosso caso, as “curtidas”.

Essa modificação na arquitetura do Instagram impactou e impôs aos usuários, a necessidade de eles se adaptarem a nova estrutura de funcionamento do aplicativo, no que concerne às reações das curtidas, em particular a dos denominados *digitais influencers*. Esses sujeitos são, no âmbito da internet, perfis famosos com credibilidade em um determinado nicho de mercado, visto e curtido por um grande público e com capacidade de influenciar outros usuários, ditar tendências, comportamentos e opiniões e, em razão disso, monetizarem essa influência em ganhos financeiros bastante expressivos, pagos por patrocinadores e pela própria plataforma.

Ocorre que essas adaptações criam as condições para a emergência de soluções criativas desses usuários, ou seja, o fato de o sistema do Instagram não permitir a visualização do número de curtidas de um perfil, não impede, por exemplo, que um influenciador digital compartilhe com seus seguidores uma imagem “printada” de seu perfil e, nesse gesto, assegure a visibilidade da informação, tão significativa e importante para a “sobrevivência” desses influenciadores. Em outros termos, esse gesto aponta para a capacidade criativa e de ressignificação adaptativa dos usuários para a dinâmica do sistema e para a plasticidade da língua(gem) e as *affordances* da plataforma são exploradas, graças a essa criatividade e às necessidades dos usuários.

Os modelos, os *digitais influencers*, os *youtubers* são tomados como pessoas perfeitas, apagando, desse modo, suas condições humanas, pois são o que aparentam, vivendo e se constituindo de uma ilusão que influencia pessoas a segui-los e a endeusá-los.



Para Azevedo (2013), este lugar do sujeito da era digital, se marca pela evidência, ou seja, o identifica com os sentidos e posições na/pela formação discursiva.

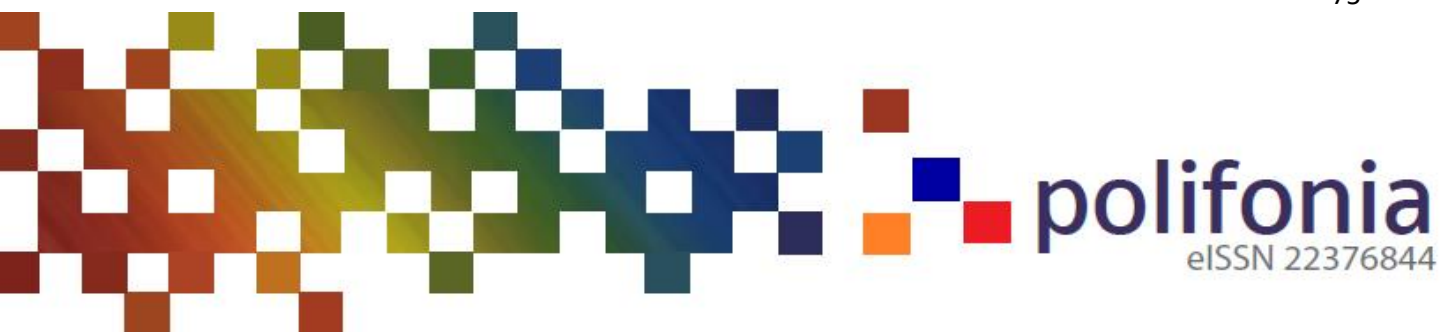
A constituição do sujeito como unidade (imaginária), sua interpelação ideológica, acontece por meio de sua identificação com os elementos do interdiscurso, dos quais a tecnologia funciona como pura evidência. Isso quer dizer que o sujeito se identifica com os sentidos da tecnologia construídos nesse funcionamento discursivo, marcando seu lugar (posição) nessa formação discursiva que, não obstante, é heterogênea (AZEVEDO, 2013, p. 07)

A evidência, para a Análise de Discurso, é um efeito do trabalho da ideologia, pois, por ela, os sentidos são tomados como únicos e transparentes. Assim, o que se instala, nas redes sociais, em especial, no Instagram, são a felicidade, a beleza, o corpo perfeito, o sucesso, ocultando a intimidade dessas pessoas, que podem ser infelizes, que pagam, às vezes com a própria vida, por sua beleza, pois o que se vende é a ilusão instalada por egos e por imagens projetadas de si, que nem sempre correspondem à realidade de cada um. Apagam-se as imperfeições corpóreas, por exemplo, e por meio de photoshops, filtros que manipulam as imagens, geram, aos olhos dos outros (seguidores), aquilo que se configuraria como um sujeito esteticamente perfeito, funcionando, aos modos da língua una e sem falhas, como uma máquina capaz de produzir a “perfeição” e a “felicidade”, tão desejadas pelos sujeitos na sociedade contemporânea.

Contudo, nas palavras de Orlandi (2009), para a Análise de Discurso:

[...] nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos. As sistematicidades linguísticas – que nessa perspectiva não afastam o semântico como se fosse externo – são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade do discurso (ORLANDI, 2009, p. 22).

Nessa movência, o sujeito se produz por formações imaginárias, que, de acordo com Pêcheux (1997), objetiva corresponder à imagem que se acredita que o outro tem de si, visando, nas redes, à aceitação e à obtenção de curtidas.



No contexto dos SDC, são os modos de o sujeito se conduzir na rede, marcados pelo ambiente e pelas condições iniciais, que são gradativamente modificadas pela adaptação às regras e pelo acúmulo de experiências. Nesse entendimento, a história/ideologia funciona, conforme defende Orlandi (1999), como um efeito resultante dos modos como o sujeito se movimenta na rede, ou, em outras palavras, pelos modos como o sujeito administra o político, visando a obter popularidade e o reconhecimento na Internet.

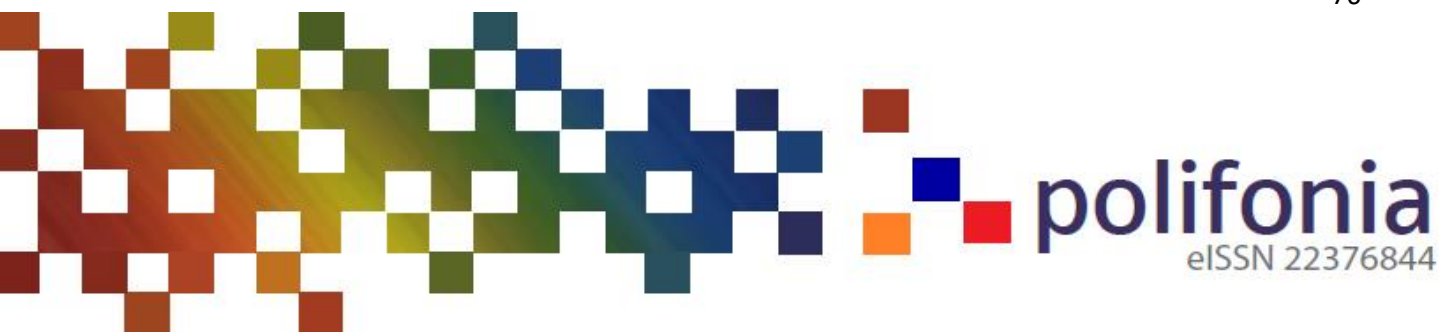
A popularização do sujeito é parte importante do seu processo de divulgação do conhecimento e dos seus modos de subjetivação e de individuação na rede, pois, de acordo com Dias (2011, p. 02), “[...] afetos, trabalho, mobilidade, ciência, relações sociais, [promovem] derivas para outros lugares de significação, que produzem novos sentidos no jogo entre o mesmo e o diferente”.

## **2. Desenvolvimento**

A era tecnológica se estabelece de forma a configurar a maneira como pensamos o mundo e nos colocamos nele, trata-se, então, de uma forma de língua(gem) constituída pela relação entre o visível e o invisível, que se complementa e que se opõe, estabelecendo conceitos, mudanças e seus efeitos, neste jogo do online e do offline.

As redes sociais são ambientes virtuais nos quais os sujeitos se relacionam, instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento. Assim, a sociabilidade, no espaço do Instagram, não tem as mesmas condições de produção de outros espaços do mundo real (o escolar, o subjetivo, o social, o familiar), um espaço de subjetivação do sujeito na contemporaneidade, pois seus modos de circulação do conhecimento e de mediação das relações se dão pela necessidade de existência, de cada sujeito, na rede.

Para dar visibilidade aos modos de constituição dos sujeitos na rede, analisaremos alguns excertos dos textos produzidos por alunos do 3º Ano do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Cáceres-MT.



Os referidos textos resultam de uma atividade que foi realizada tanto individualmente quanto em duplas ou trios e demandou, para além das opiniões pessoais, o suporte de pesquisas realizadas na internet. Nesse trabalho, foi pedido aos alunos que redigissem um texto dizendo o que pensavam sobre as modificações ocorridas no Instagram em ocultar as curtidas e os efeitos em suas práticas como usuários dessa plataforma, ou seja, como essa mudança os influenciou.

Vejamos o primeiro excerto:

**Excerto #1**

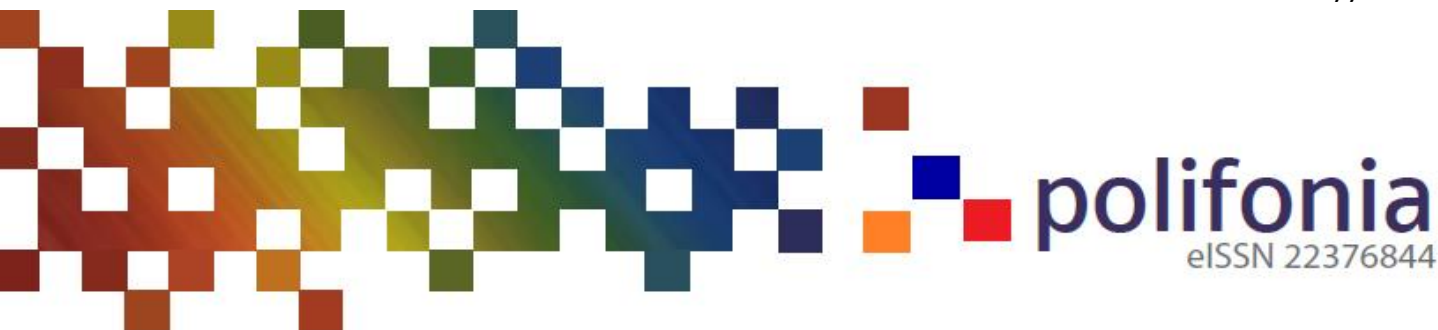
[...] é um mecanismo altamente objetificador, em que, a aceitação alheia é primordial ao sucesso pessoal [...] o Instagram não é usado como ferramenta, e sim, usa a sociedade como uma, gerando uma população carente de atenção e moralmente falida, sendo exposta assim à aculturação em massa que esta rede social proporciona, causando a perda a identidade individual. [...] (alunos AB, IS e MA).

De acordo com os alunos, o Instagram é uma rede social que gera carência social e moral “empobrecidas”, pois se produz como uma forma de aculturação, que (des)identifica o sujeito, tornando-o submetido às regras e normas sociais.

Essa perspectiva complexa que marca a dinâmica de constituição do sujeito pode ser também compreendida nas palavras de Pêcheux que retoma de Lacan as afirmações “o inconsciente é o discurso do Outro<sup>13</sup>” e “o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do outro” (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 183), para afirmar que “o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como a dinâmica do Significante na interpelação e na identificação” (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 133-134).

---

<sup>13</sup> <sup>13</sup> Lacan (1998) define o Grande Outro como sendo da ordem da Lei e da Cultura (ambas as palavras grafadas em letra maiúscula), ou seja, são vozes outras que fazem constituir cadeias significantes no inconsciente de cada sujeito. Assim, a Lei, para o autor, não é propriamente a lei ordinária dos homens, mas aquela que se instala como desejo do sujeito do inconsciente, instituindo sentidos que lhe interditam o direito de ser de outro modo.



A exemplo desse funcionamento, os influenciadores das redes vivem de criar conteúdos que se conectam de forma única com seus seguidores. A validação desse conteúdo, marcada por meio de curtidas, constitui-se como uma das formas de medir o engajamento, a popularidade e o melhor marketing. Esse modo de engajamento pode, inclusive, ser medido pelos influenciadores, uma vez que apenas a exibição pública é que deixou de existir.

Como já mencionamos, para os seguidores, especialmente no Instagram. Assim, foi o aspecto da monetização que ficou fortemente ameaçado pela mudança, conforme aduz *Meio&Mensagem* (2016)<sup>14</sup>:

As marcas terão mais dificuldade em identificar o potencial dos influenciadores, já que será preciso ter acesso aos dados particulares da repercussão de suas publicidades. Isso pode ter um efeito perigoso, do foco voltar a ser no número de seguidores – uma métrica que por muitas vezes é vazia e facilmente manipulável por meio de práticas que não seguem as diretrizes das ferramentas.

Vejamos, então, o segundo excerto produzido por uma dupla de alunos:

#### **Excerto #2**

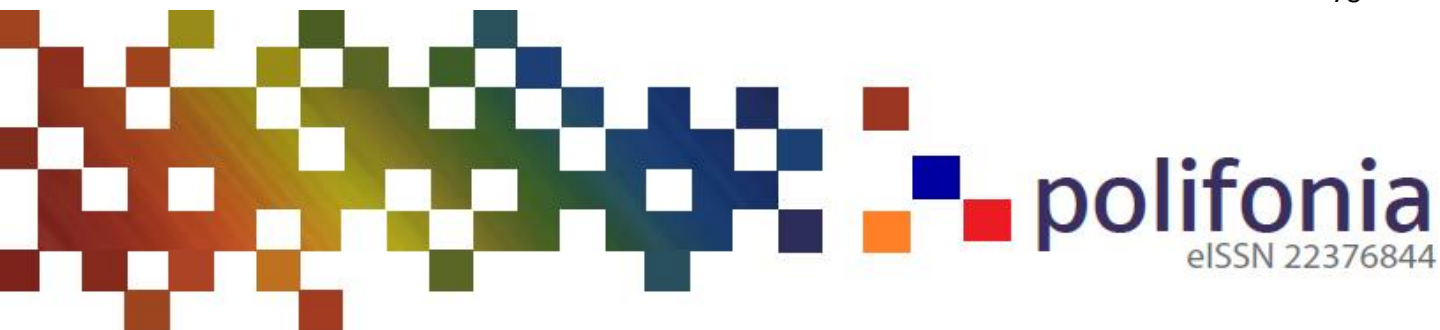
Eu tenho Instagram há uns quatro anos, o aplicativo ficou popular pelos likes e com isso era distribuído. Atualmente foi retirada a quantidade de visualização de curtidas porque começou uma influência, principalmente em autoestima por conta ou quantidades. Algumas pessoas começaram se autojulgar, por exemplo: quando posto uma foto que não têm curtidas suficientes pelo esperado se sentindo inferior a outros perfis, também foram criados perfis que postam fotos de pessoas de uma escola e legendas que difamam o mesmo e esses perfis que selecionam pessoas para visualizarem um tipo de conteúdo mais liberal sobre a vida mais pessoal. A retirada das curtidas se tornou um símbolo de ter uma meta para se sentirem melhores, podendo acarretar em problemas psicológicos, como a depressão e ansiedade, muitos usam as redes sociais apenas para lançarem comentários maldosos, principalmente pelos estereótipos. (Alunos EM e ED).

Nesta reflexão, os autores se baseiam na experiência pessoal com o Instagram, afirmando-o como uma ferramenta popularizada pelas curtidas, que acabaram servindo

---

<sup>14</sup> VIEIRA, Eduardo, 2016. Influenciadores, a fronteira final da publicidade. Acesso em 16 nov. de 2019. Disponível em: [www.meioemensagem.com.br](http://www.meioemensagem.com.br).





ao propósito de dar fama e sucesso para uns enquanto outros se deprimiam com suas dificuldades de aceitação. Aqueles que conseguiram fama pelo número de curtidas dos seus posts tornaram a ferramenta um modelo comercial de grande lucratividade, enquanto outros se deprimiam e alguns acabavam se suicidando<sup>15</sup>, um exemplo deste contexto foi o da influenciadora digital Alinne Araújo, uma razão da relação de não pertença à rede. Assim, nesse movimento de dizer da motivação para a retirada explícita das curtidas, os autores apontam os inúmeros estereótipos que a rede cria, não só de cunho social, econômico, mas de beleza, gênero e dentre outros, e isso instala a ilusão do (não)pertencimento.

Nas palavras de Barton e Lee (2015, p. 46, grifos do autor), trata-se das *virtualidades* que “[...] são as possibilidades e restrições de ação que as pessoas percebem seletivamente em qualquer situação. *Virtualidades percebidas* tornam-se o contexto para a ação”.

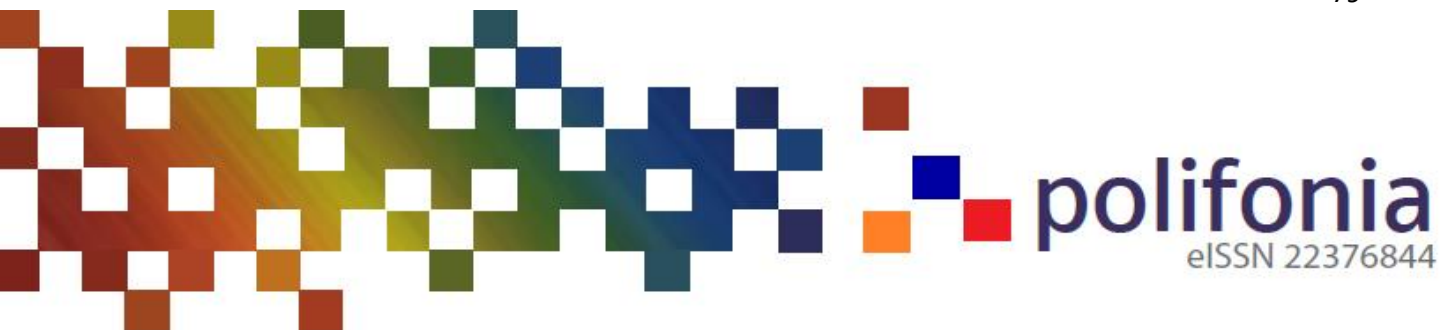
Para Gibson, o termo *virtualidades* tem sua origem em uma abordagem ecológica de percepção de ação em espaços online, pois as pessoas não focam as propriedades intrínsecas de um objeto, em vez disso “[...] percebem o que é de valor para elas numa situação particular quando têm propósitos particulares” (GIBSON *apud* SHAW e BRANDSFORD, 1977).

Trata-se de um funcionamento que marca a constituição do sujeito na cibercultura, pois, no ato de dar e receber curtidas instala-se uma espécie de panóptico que torna tudo transparente e visível, mas que, ao mesmo tempo, enclausura e enreda o sujeito na (des)ilusão de (não)pertencimento, pois “fracassam” – ao receber as curtidas esperadas - nesse espaço passam a não existir nele.

Desse modo, as mudanças ocorridas no Instagram são tentativas de amenizar o mal psicológico que a não aceitação social produz, pois, no espaço virtual, a define de normal e anormal, e é estereotipada por meio das *virtualidades* que se instalam como as

---

<sup>15</sup> Acesso em 03 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://lorena.r7.com/post/Depressao-suicidio-e-a-cultura-do-cancelamento>.



grandes causadoras de uma sociedade doente – a sociedade moderna -, que necessita cada vez mais de recursos e intervenções para o enaltecimento de si e para a ilusão de pertença.

Outro comentário produzido por uma aluna dá a medida do descontentamento que a mudança nas curtidas produziu:

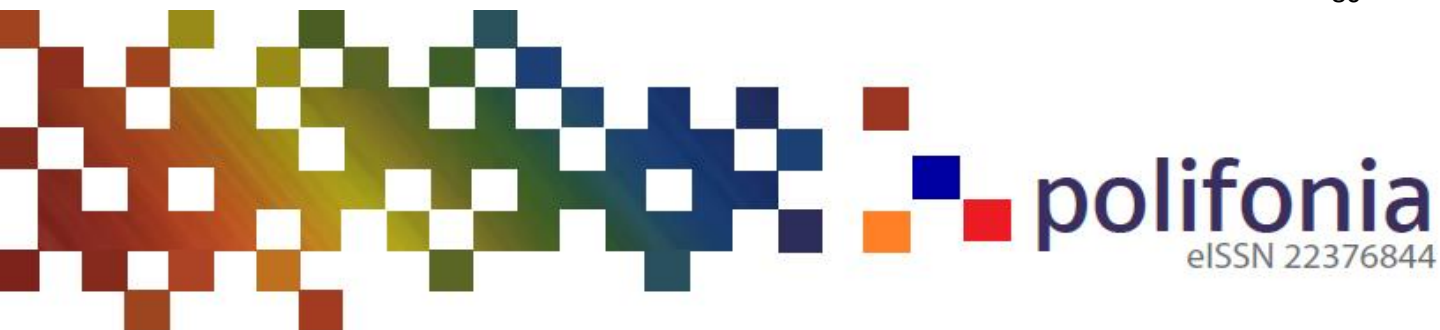
**Excerto #3**

O narcisismo, fortemente influencia a permanência do Instagram como a rede mais utilizada. Esse fato é explicado pela análise da juventude contemporânea, já que, essa está cada vez mais atrelada ao status proporcionado pelos likes e curtida do Facebook. A exemplo disso, a minha irmã mais nova sofre influências de formas muito mais marcantes pelo Insta. Durante a minha adolescência os potenciais de uso de redes sociais não tomaram a minha atenção como a dela, que dá demasiada importância para a visualização das curtidas por terceiros, demonstrando descontentamento com a ação do aplicativo sendo que, tenho certeza, ela não sabe o que motivou a mudança (Aluna MV).

O principal desafeto com a nova normatização do Instagram é o jovem que necessita ser reconhecido também nas redes sociais, no excerto podemos observar este acontecimento, “a minha irmã mais nova sofre influências de formas muito mais marcantes pelo Insta”, assim, marca-se pelo virtual de maneira inconsciente. Logo, toma o espaço virtual como lugar de recobrir a sua realidade offline, pelas facilidades e possibilidades que a vida tecnológica com suas modernidades lhe coloca, pois, na rede, o jovem se mostra e se esconde atrás de um imaginário, de uma idealização de si.

No processo de autoafirmação, os sujeitos são lançados à vida adulta sem muita preparação para enfrentá-la. Dessa maneira, esconder-se atrás do celular pode ser o modo de fazer da sua vida online um simulacro, um avatar moldado de todas as características que ele sabe, presume, serem perfeitas para significar e produzir a aceitação de si por outros sujeitos, também avatares.

Nessa direção, as virtualidades servem ao propósito dos jovens de fabricar sua própria narratividade, constituindo-a sobre o simulacro e a ilusão do seu sucesso e imortalidade, instalando o espaço online como distante e oposto do offline, o que se configura como uma forma de inautenticidade que, conforme apontam várias pesquisas,



como apontam por exemplo, Vedana (2018),<sup>16</sup> Oliveira (2018),<sup>17</sup> Ribeiro (2019),<sup>18</sup> etc., pode levar à ansiedade e depressão, pois o contexto em que estão inseridos tem um peso muito grande no sentido de ditar-lhes a saúde/doença mental, seja pela repetição de padrões ou pela completa falta deles.

Não se trata, então, de produzir um julgamento sobre o mundo virtual, mas de tomar em conta o que Barton e Lee (2015, p. 47) afirma sobre a abordagem ecológica:

[...] o que é importante são os usos reais que são feitos dela. É aqui que uma abordagem prática social é importante para identificar o que as pessoas realmente fazem e como dão sentido a seu ambiente. **Outro aspecto de uma abordagem ecológica é que o ambiente não é um dado, nem é fixo.** Ao contrário, as pessoas criam e são criadas por seu ambiente. Desse modo, as virtualidades são socialmente construídas e mudam à medida que as pessoas atuam sobre seu ambiente. As virtualidades afetam o que pode ser feito facilmente e o que pode ser feito convencionalmente com um recurso. A criatividade reside, em parte, em ver novas virtualidades e ir além das possibilidades existentes. Virtualidades emergem o tempo todo; e novas possibilidades são criadas pela criatividade humana. Assim, por exemplo, no Facebook, a estrutura do software cria atividades e caminhos prováveis, mas a engenhosidade humana conduz à vasta gama de usos feitos dele.

Ponderando sobre a posição do autor, o ambiente virtual cria um imaginário de sujeito, que pode ser muito incompatível com o da vida real, e, ao mesmo tempo, o controla, o manipula e o rege, tal como as conexões mais fortes que vêm sendo criadas e consolidadas na cultura humana ao longo de toda a sua evolução. Evoluir é, de muitas formas, estabelecer e controlar conexões nestes ambientes, os virtuais.

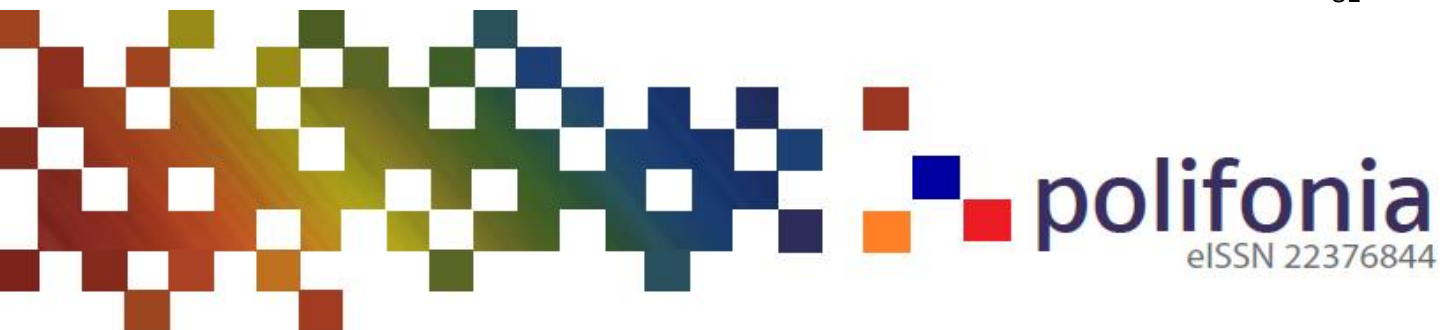
Nas redes sociais – no nosso caso, o Instagram – tornou-se incontrolável a velocidade com que as conexões possíveis crescem e isso pode significar que não apenas o sujeito, mas a própria sociedade está perdendo cada vez mais o controle do universo

---

<sup>16</sup> Acesso em 05 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/332002/a-influencia-das-redes-sociais-nos-casos-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-brasileiros-e-o-seu-aumento-durante-a-pandemia>.

<sup>17</sup> Acesso em 12 de março de 2021. Disponível em: <https://www.oabgo.org.br/arquivos/downloads/cc964ed851fe18-ainfluenciadasredessociaisnosc-1-1054196.pdf>.

<sup>18</sup> Acesso em 12 de março de 2021. Disponível em: <https://www.oabgo.org.br/arquivos/downloads/cc964ed851fe18-ainfluenciadasredessociaisnosc-1-1054196.pdf>,



virtual, tendo em vista que o controle se dá por algoritmos a serviço das redes sociais enquanto grandes corporações. Nesse entendimento, a posição do autor nos faz pensar em uma mudança de direção tradicionalmente dada à tecnologia, no sentido mais restrito, que sempre foi usada para reformular o mundo e para melhor se adequar aos limites e potencialidades do ser humano, pois a dinâmica de apropriação dos instrumentos tecnológicos pode servir a propósitos menos nobres.

Vejamos mais um excerto de dois alunos:

**Excerto #4**

A nova modificação do Instagram trouxe um grande impacto entre o mundo real e o mundo virtual, em que pessoas que se importam com curtidas, para se sentirem melhor ou com uma autoestima mais elevada, foram afetadas negativamente. Em contrapartida, pessoas que se comparam e se diminuem em relação a algum influenciador, foram afetados positivamente, passando a não se importarem com a quantidade de curtidas. (Alunos BR e TH).

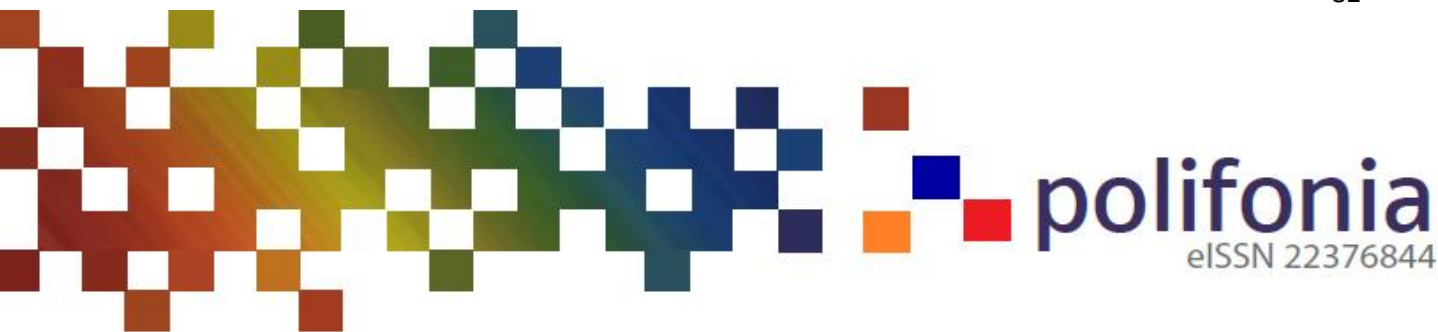
Assim, as redes sociais são tomadas como ferramentas que afetam a vida dos sujeitos, pois se tornam vitais e, ao mesmo tempo, um espaço de busca e de simulação de si. Nesse jogo de se esconder e se mostrar, o sujeito faz um certo tipo de retorno às suas necessidades de aceitação e inserção no contexto das dinâmicas de suas tramas, sejam elas online ou offline.

Nas palavras de Nietzsche (2003, p. 38), trata-se do eterno retorno, que é da ordem do *puro devir* do sujeito, mas de um devir que “[...] não é a permanência do mesmo, o estado do equilíbrio, nem a morada do idêntico. No eterno retorno não é o mesmo ou o um que retornam, mas o próprio retorno é o um que se diz somente no diverso e do que difere”.

No dizer de Deleuze (1925/2011, p. 12), ao puro devir de Nietzsche associa-se a ideia de passagem do tempo, pois “[...] o presente é a chave de compreensão, porque ele é ao mesmo tempo passado e presente dado no instante”<sup>19</sup>. Para Deleuze, o eterno retorno,

---

<sup>19</sup> Na compreensão da Análise de Discurso, que tem uma noção de temporalidade marcada na memória do dizer, é a formulação do sujeito que atualiza aquilo que é da ordem de um passado, que, presentificado, carrega, pela relação de antecipação, o sentido de uma futuridade do dizer.



o devir do sujeito é marcado pela *vontade de potência*, que traz em si duas forças: a de afirmação (devir ativo) e a de negação (devir reativo). Assim, é da vontade da própria ordem humana querer poder, enquanto elemento que decorre da diferença de quantidade das forças postas em relação, pois, nesse movimento, a qualidade/quantidade cabe a cada força.

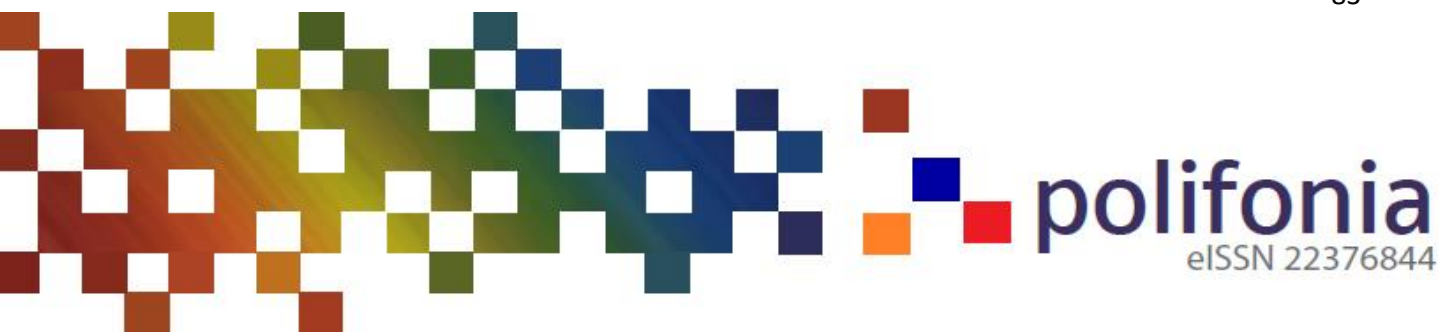
Esse funcionamento torna, por sua natureza, o conceito de força vitorioso, uma vez que não se pode abstrair as qualidades da força do seu devir, assim como não se pode abstrair a força da vontade de poder, ou seja, cada sujeito está livre e, ao mesmo tempo, preso nessa relação de forças.

Como mostramos anteriormente, esse mesmo funcionamento, da aceitação no mundo virtual, o jogo do online e do offline, pode ser observado no episódio da série Black Mirror aqui discutido, pois nele o controle virtual submete e aprisiona a personagem para fazê-la sentir-se pertencendo, o que eleva sua autoestima, mas, ao mesmo tempo, faz com que ela simule, minta, engane e traia as suas vontades. Desse modo, o mesmo controle que promove a sensação de pertencimento, produz também sensações negativas de simulação de si, um funcionamento que é também dado na rede.

Esse funcionamento, nas palavras de Fukuyama (2004), torna o sujeito do mundo virtual um consumista desse modo de cultura capitalista tardia, até que se sucumba ou se dilacere de tal modo que a rede se torne sua prisão. Barton e Lee (2015) aponta-nos que:

Vivemos num mundo cada vez mais móvel, tanto físico quanto virtualmente. Fluxos de pessoas, conhecimentos, ideias e objetos estão todos em aceleração, levando a novas interações entre as pessoas e a novas formas de aprendizagem *online* e *offline*. A língua se torna um importante veículo, que pode sustentar, dirigir, impedir e canalizar esses fluxos. Um grande fenômeno linguístico introduzido pelas mobilidades é o aumento do uso de línguas locais em comunidades diaspóricas na comunicação feita na web, resultando numa internet verdadeiramente multilíngue (BARTON & LEE 2015, p. 98).

Estar, ser, pertencer a esse mundo diz dos modos contemporâneos de devir do sujeito, um devir que o coloca como o ser da diferença ou o ser em um eterno retorno. A circulação deste aplicativo, o Instagram, enquanto um espaço, que se configura como uma dinâmica de adaptação, de aceitação e de permanência do sujeito – marca-se pelas



curtidas que ele recebe em suas postagens. Contudo, o imediatismo da rede produz, como efeito, o apagamento do processo histórico-social de construção dos sujeitos, que podem, nesse espaço, tornar-se aquilo que desejam ser, em detrimento do que realmente são. Esse modo de apagamento torna o sujeito mais um entre os milhares de usuários, pois, quando se trata de novas tecnologias digitais e sua organização em rede, o lugar do sujeito é marcado como pertencimento ou apagamento, pelas curtidas que recebe.

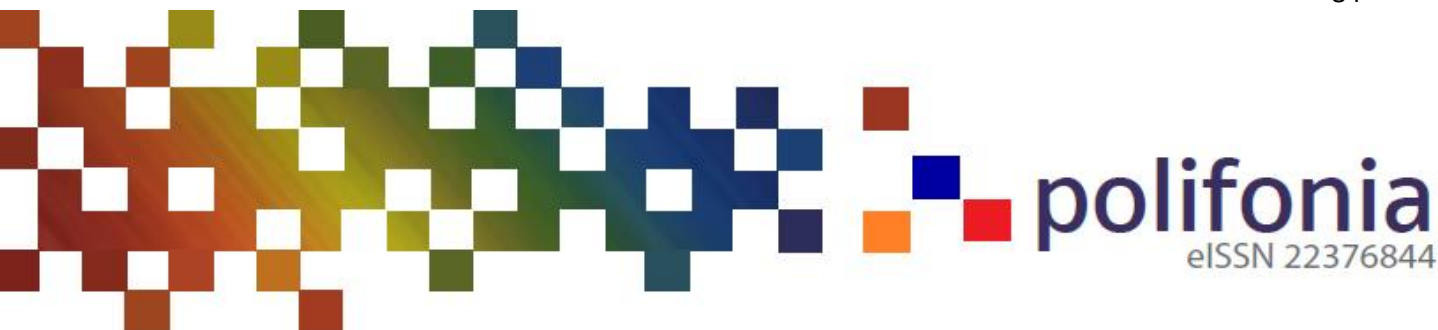
### **Considerações finais**

O presente artigo refletiu que o Instagram, enquanto espaço virtual de relacionamento, coloca-se como um lugar de disputa e de aceitação, sendo também e, ao mesmo tempo, instalando-se como espaço de manipulação dos/pelos sujeitos que a usam. Assim, o digital possibilita a criação de avatares, ou seja, a criação, pela ordem do desejo, de um simulacro imaginário de si, como ocorre com a protagonista da série “Lucie”, que materializa a emergência de patologias desencadeadas pela rede.

Pelos excertos dos alunos, compreendemos também que o contexto online impõe ao sujeito uma auto-organização, ou seja, as ações deste contexto, passam pela necessidade de o sistema garantir determinado grau de autonomia nessas relações, caso contrário, ele não poderia se adaptar, vivendo de maneira transitória no ambiente da Internet, ou seja, sua constituição na rede seria da ordem de um provisório, de um ser/não ser, de um estar/não estar, como um sujeito cindido entre aquilo que ele é e aquilo que ele gostaria de ser. Essas questões, que marcam a ordem de pertencimento na rede, impulsionam/desestimulam a imagem do usuário e seu escore de aceitação.

De toda maneira, mesmo que o sujeito, na rede social, se construa como um simulacro de si, mesmo que a relação de pertencimento seja marcada pelas curtidas nos seus posts, que ele recebe ou não.

Portanto, percebemos tanto no episódio da série analisada e nos excertos dos alunos, que o online e offline se configuram, então, como um sistema fechado, condicionando os sujeitos a adaptações e às regras determinantes, e por mais que ele se



deprima/regozije com a sua (não)aceitação, os modos de ser de cada sujeito diz das adaptações tecnológicas que ele está submetido.

## Referências

AZEVEDO, Aline F. de. Tecnologias do corpo: metáforas da sutura e da cicatriz. RUA [online]. n. 19, vol. 2, 2013. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>.

BARANGER, M. La teoria del campo. In S. LEWCOWICZ & S. FLECHNER (Eds). *Verdad, realidad y el psicoanalista: contribuciones latinoamericanas al psicoanálisis*. Londres: International Psychoanalysis Library. 2000, pp. 49-71.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2015.

CASSIN, B. *Googléame: La segunda misión de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Biblioteca Nacional, 2008.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Tradução: Ricardo Quintana. Consultoria, Yonne Leite. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

DEBORD, GUY. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. 2. ed. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo, SP: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018.

DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*. Curitiba, PR: Editora Hemus, 2007.

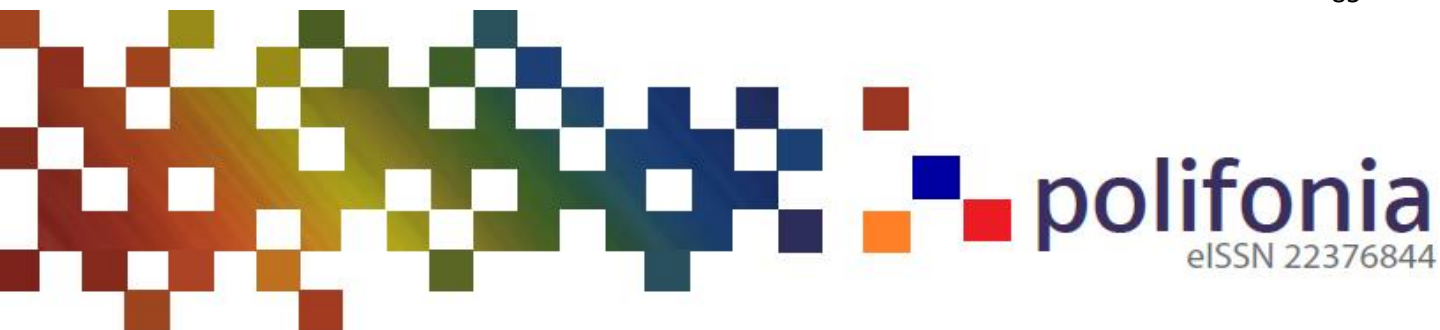
DIAS, Cristiane; COUTO, Olívia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formulação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 11, n. 3, p. 631-648, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/b7JNN6VHZd6ttMwTw85PwCQ/?lang=pt>.

ELLIOTT, C. *A philosophical disease: Bioethics, culture and identity*. New York: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. *Better than well: American medicine meets the American dream*. New York: Norton. Século XXI, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

FREUD S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976.



- FUKUYAMA, F. *Our posthuman future*. New York: Picador, 1999.
- GOMES, O.M.C. A economia como objeto complexo. In: FURTADO, B. A.; SAKOWSKI, P. A. M.; TÓVOLI, M. H. (Orgs.), *Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas*. Brasília: IPEA, 2015
- GIBSON, J. J. The Theory of affordances. In: SHAW, R.; BRANDSFORD, J. (Orgs), *Perceiving, acting and knowing*. Hillsdale: LEA, 1977.
- HOLLAND, J. H. *Hidden order: how adaptation builds complexity*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2003.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.
- PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Orgs.), *Sistemas Adaptativos Complexos: língua(gem) e aprendizagem*, Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- \_\_\_\_\_. Autonomia e complexidade. In: *Linguagem e Ensino*, v. 9, n. 1, p. 77-127, 2006.
- \_\_\_\_\_. Tecnologia na docência em línguas estrangeiras: convergências e tensões. In: SANTOS, L. L. de C. P. (Org.), *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010, p. 595-613.
- PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia. In: \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PISANI, F.; PIOTET, D. *Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidões*. Tradução: Gian Bruno Grosso. São Paulo, SP: Editora Senac, 2010.
- SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. (coord. Valdir José de Castro). São Paulo, SP: Paulus, 2003.
- SILVA, R. S.; SILVA, V. Das infovias às ruas: o Facebook e as manifestações sociais na perspectiva da teoria do caos/complexidade. *Rua* (online), vol. 21, n. 2, 2015, pp. 285-302. Disponível em: <<https://bit.ly/36iw7Tz>>. Acesso em: 12 de fev. 2021.
- VIEIRA, E. Influenciadores, a fronteira final da publicidade. *Meio & Mensagem*, 2016. Disponível [www.meioemensagem.com.br](http://www.meioemensagem.com.br). Acesso em 16 nov. de 2019.
- VITA-MORE, N. The New [human] Genre-Primo Posthuman. Paper delivered at Ciber@RT Conference, Bilbao, Spain. 2004.